

## “FORMAS-ESCRITURA” EM PÊCHEUX (81) <sup>1</sup>

Lúcia Regina Ibanes INSAURRALDE

Unicamp

Quando elegi o painel sobre o artigo de Michel Pêcheux L'enoncé : enchâssement, articulation et dé-liaison, para tentar estabelecer um debate, eu o elegi porque sou apaixonada pela sintaxe – um vício que nunca deixa de afetar os lingüistas, mesmo quando seduzidos pela AD, lugar teórico que oferece uma possibilidade aberta de trabalho científico como prática política. E sinto-me privilegiada por estar participando de um evento que tem como tema a Análise de Discurso e que, já se pode dizer, ganhou dimensão histórica no campo dos Estudos da Linguagem no Brasil. Neste I Seminário de Estudos em Análise de Discurso, promovido pela UFRGS, temos feito uma homenagem a Michel Pêcheux no 20<sup>o</sup> ano de sua morte e, ao mesmo tempo, temos revisitado a teoria que ele fundou, discutido seus conceitos fundamentais e reafirmado nosso compromisso político com um dispositivo teórico que considera como constitutivo do discurso o real da história.

Michel Pêcheux, nesse texto em debate, coloca em evidência a articulação dos pré-construídos do interdiscurso no intradiscurso pela retomada da questão das construções completivas encaixadas e sua dupla interpretação: apositiva e determinativa - questão essa já tratada no *Semântica e Discurso (Vérités de la Palice)* <sup>2</sup>. Aqui ele trabalha também com o funcionamento da articulação de enunciados por justaposição. Não há como desambigüizar determinadas seqüências discursivas se não for pela dimensão vertical do interdiscurso atravessando o intradiscurso.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no I Seminário de Estudos em Análise de Discurso (I SEAD) - promovido pela UFRGS, em novembro/2003, Porto Alegre – com a finalidade de estabelecer debate sobre o artigo de M. Pêcheux L'Enoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison in Conein, B et alii - *Materialités Discursives*. Lille. Presse Universitaires de Lille. 1981

<sup>2</sup> Retomando Frege (em seu artigo Lógica e Filosofia da Linguagem, publicado em português, no Brasil, em 1978), essa questão foi genialmente tratada por Pêcheux (op. cit., p. 95 e ss).

O que me chamou mais a atenção no artigo que estamos comentando nesta mesa, dentre tantas provocações que ele faz ao leitor, foi que, a partir dessas duas formas de articulação de enunciados: a articulação por encaixe e a articulação por justaposição (desligamento), Pêcheux se propõe a argumentar a favor da hipótese de uma divisão histórica das práticas discursivas afetando especialmente a escrita literária. Essa divisão seria a evidência, na materialidade da língua, de certos processos de subjetivação que produzem, em determinadas instâncias enunciativas, um efeito-sujeito ora identificado com a forma-sujeito, ora podendo ser interpretado como um “efeito sujeito dividido”.

Pensando a prática de escrita e as duas “formas de escritura” propostas, Pêcheux afirma que, nas instâncias enunciativas em que se dá a identificação do sujeito-que-escreve com a forma-sujeito, funcionaria uma “escritura de tipo encaixe” (“l’écriture à enchâssement”, p. 146), com presença de processos sintáticos de subordinação onde a determinação e a explicação se engastam como “peças de um mecanismo indestrutível” (ib. – tradução minha). Já nas instâncias enunciativas em que há evidência de processos de subjetivação que produziram o “sujeito dividido” (e isso fica como um questionamento do próprio texto), funcionaria uma “escritura tipo desligamento” (“L’écriture à dé-liaison”, p. 147), com enunciados justapostos por conexão implícita, frases interrompidas, enumeração, apagamentos – enfim, textos em que se anula a insustentável dicotomia oral-escrito. Pêcheux questiona-se se não se trata da forma-escritura do sujeito dividido à moda de Joyce (ou, poder-se-ia dizer, à moda do homem-onça iauaretê de Guimarães Rosa).

Justamente nesse momento o texto interrompe a discussão e deixa em suspenso a questão da modernidade da “forma-escritura tipo desligamento” e suas condições de inscrição na mídia contemporânea (lembre-se de que se está falando de um texto escrito há mais de vinte anos).

Gostaria, então, de estar colocando duas questões, não especificamente para a mesa, mas para a reflexão dos analistas de discurso aqui presentes e, especialmente, para minha própria reflexão, questões essas que foram tomando

corpo quando da leitura do texto produzida por um lingüista recém-convertido à AD:

1) Lendo discursivamente certa mídia <sup>3</sup>, certas letras de música, a fala de várias tribos urbanas de hoje, seria possível estar sustentando uma argumentação a favor da hipótese de Pêcheux sobre as duas formas-escritura: de tipo encaixe e de tipo desligamento?

2) Essa forma-escritura tipo desligamento que afetaria a literatura e a mídia contemporâneas não seria algo além da evidência de um “sujeito dividido” (como propõe Pêcheux em seu texto)? <sup>4</sup> Não se poderia falar de um esfacelamento da forma-sujeito da modernidade, articulada por mecanismos sintático-semânticos que são um verdadeiro desmonte das estruturas sintático-semânticas clássicas? <sup>5</sup>

São apenas pontos para reflexão, questões para as quais não sei se se podem encontrar respostas no momento histórico em que são colocadas.

---

<sup>3</sup> E a questão da “forma-escritura desligamento” na mídia contemporânea também fica apenas como um indicação para pesquisa no texto aqui debatido: “Je laisse de côté pour la discussion de la modernité de l’écriture à la déliaison et des conditions de son inscription dans les media contemporains” (Pêcheux, 1981: 147)

<sup>4</sup> Sobre a noção de “sujeito dividido”, penso que deve ser tomada sob a perspectiva discursiva, a qual permite a Courtine (1981) trabalhar com o “efeito de sobredeterminação” e de “enunciado dividido”.

<sup>5</sup> A análise desse suposto “esfacelamento” requer a discussão das “três modalidades de identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito (sujeito universal)”, proposição teórica em que Pêcheux aponta para um processo de “dessubjetivação”, de “desidentificação” do sujeito do discurso com a forma-sujeito como um processo paradoxal de identificação-desidentificação produzido por dispositivos de experimentação-transformação históricos. (Pêcheux, 1995: 215)

### **Referências Bibliográficas:**

COURTINE, Jean-Jacques (1980) – Quelques Problèmes Théoriques et Méthodologiques en Analyse du Discours, à Propos du Discours Communiste Adressé aux Chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p. 9, jun. 1981

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas. Edit. da Unicamp. 1995